

Relações Familiares e Maternidade na Adolescência: Da Gestação ao Primeiro Ano

Ana Caroline dos Santos Silva¹

José Nilson Nobre Filho²

Paula Orchiucci Miura³

Resumo

A maternidade durante a adolescência tem necessidades e dificuldades específicas, demandando suporte e apoio da família. Esta pesquisa teve como objetivo analisar as experiências de maternidade de uma adolescente e suas relações familiares. Trata-se de uma pesquisa qualitativa longitudinal, que utilizou o estudo de caso como método. Participou deste estudo uma adolescente (Samanta) que fez o pré-natal na rede pública de Maceió. Foram realizados três encontros com a participante: durante o pré-natal; quatro meses após o nascimento da bebê; e no primeiro ano de vida da criança. Foi percebido que Samanta pôde contar com o apoio de sua família natural e nova nos três momentos. A complexidade do tema maternidade na adolescência deve mobilizar diversos atores, sendo um deles a família. Samanta demonstrou ser uma mãe cuidadosa e, assim, vê-se a necessidade de um olhar sobre a situação de mães durante a adolescência que não esteja atravessado por rótulos estigmatizantes.

Palavras-chave: maternidade, adolescência, relações familiares

Family Relations and Maternity in Adolescence: From Pregnancy to the First Year

Abstract

Maternity during adolescence has its specific needs and difficulties, demanding family's support and aid. This research aimed to analyze the maternity experience and family relations of a teenager. It is longitudinal qualitative research, which uses a case study as method. A teenager (Samanta) who attended prenatal care in Maceió's public health network participated in this study. Three meetings were held with her: during prenatal care; four months after the baby's birth; and after the child's first birthday. It was noticed that Samanta could count on the support of her natural and in-law families in all three moments. The complexity involved in teenage pregnancy must mobilize several actors; one of them being the family. Samanta proved to be a careful mother and, thus, there is a need to look at the situation of teenage maternity without being crossed by stigmatizing labels.

Keywords: maternity, adolescence, family relations

Introdução

¹ Psicóloga. Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Especialista em Saúde da Família pela Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL).

² Psicólogo. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

³ Professora Adjunta da Graduação e Pós-graduação do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

A adolescência é uma fase entre a infância e a idade adulta, permeada por questionamentos, dificuldades e mudanças, na qual o adolescente passa por crises e se encontra em um estado de busca de si mesmo (Macedo et al., 2012). Para Winnicott (1965/2018), os adolescentes são imaturos e, diante disso, demandam dos adultos que atuem em sua maturidade para com eles. Atrelado a isso, a vivência da maternidade nessa fase reúne as demandas e dificuldades próprias da adolescência a questões inerentes à maternidade, como a fragilidade, o que evidencia uma maior necessidade da presença implicada e acolhedora da família dessas jovens nesse momento.

A quantidade de adolescentes mães é significativa no mundo e no Brasil. Mundialmente, cerca de 14 milhões de adolescentes entre 15 e 19 anos têm filhos todos os anos, bem como quase 2 milhões destas vivem na América Latina e no Caribe (Fundo de População das Nações Unidas [UNFPA], 2016). No Brasil (2023a), de acordo com dados do Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos (SINASC), estima-se que 1.043 adolescentes se tornam mães diariamente. Por hora, são registrados cerca de 44 nascimentos de bebês, filhos de mães adolescentes. Ainda conforme o SINASC, foram registrados no estado de Alagoas 9.544 nascimentos de bebês de mães com idade entre 10 e 19 anos, dos 48.808 nascimentos totais registrados no ano de 2021 (Brasil, 2023b).

Desta forma, sendo o número de mães adolescentes ainda alto, e entendendo-se a importância de se discutir sobre melhorias da experiência da maternidade, como as relações das jovens com a família nova e a família natural, torna-se evidente a importância desse estudo para compreensão das possibilidades de desenvolvimento de uma maternidade saudável para as adolescentes e seus bebês. Nesta pesquisa, utiliza-se o termo *família natural* tal qual Brasil (1990) no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), referindo-se ao grupo de indivíduos formado pelo(s) genitor(es) e seu(s) descendente(s). No entanto, de forma diferente do ECA, foi considerada família natural também a família extensa, demarcada por pessoas ou parentes próximos vinculados à família biológica da adolescente. Ainda, *família nova* é aqui referida como a nova família que a adolescente começou a formar, composta, por exemplo, pelo companheiro, bebê, sogra, e outras pessoas.

No âmbito da psicologia, o psicólogo aparece enquanto um dos profissionais capazes de fortalecer o vínculo da adolescente com a família, a rede social de apoio e o bebê. Em Gonçalves e Guzzo (2017), isso é possível ao potencializar a família ou dar perceptibilidade às capacidades da mãe e pai em serem cuidadores. Essa presença acolhedora dos familiares possibilita a jovem desenvolver a necessária capacidade de desviar o interesse do próprio *self* para voltar-se ao atendimento das necessidades do bebê, em um estado especial, chamado por Winnicott (1965/2018) de *preocupação materna primária*. Durante esse estado ela se torna uma pessoa mais vulnerável, sendo a proteção advinda do ambiente necessária para que não seja afetada por “distúrbios mentais puerperais” (Winnicott, 1965/2018, p. 23).

Desta forma, a presença acolhedora da família com a mãe adolescente contribui para uma maior vinculação e proteção da díade mãe-bebê. Esse grau de suporte também pode ser responsável pela maior aceitação da jovem à gestação, e um fator de proteção à gravidez na adolescência (Esteves et al., 2018). A família é, assim, responsável por uma condução mais tranquila da gestação na adolescência. Ademais, um bom vínculo com o pai do bebê também pode promover uma melhor

relação da mãe adolescente com a maternidade como um todo (Esteves et al., 2018). Diante do exposto, esta pesquisa teve como objetivo analisar as experiências de maternidade de uma adolescente e suas relações familiares (com a família natural e com a família nova).

Método

Aspectos éticos

O presente trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da instituição responsável (Parecer: 1.541.569 CAAE: 55022916.0.0000.5013). Para a adolescente foi explicada a finalidade do estudo e foi assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Assentimento (TA), de modo alinhado à Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde.

Tipo de Estudo

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter longitudinal, que utilizou o estudo de caso como método. A escolha do método estudo de caso partiu da consideração da maternidade na adolescência como um fenômeno social complexo (Yin, 2015). Segundo Yin (2015), esse método é aplicado quando as perguntas de pesquisa são *como?* ou *por quê?*; quando o pesquisador possui pouco ou nenhum controle sobre eventos; e quando o cerne do estudo é um fenômeno contemporâneo, complexo e que carece ser estudado com profundidade (Peres & Santos, 2005).

Participantes

Participou deste estudo uma adolescente de 18 anos que estava grávida e realizou o pré-natal em um Hospital em Maceió, Alagoas. A escolha de uma única participante para o estudo de caso foi proposital, de modo a viabilizar uma análise mais aprofundada do material. O critério de inclusão da participante foi estar grávida, ter entre 10 e 19 anos, estar realizando o pré-natal na rede pública do Estado e aceitar participar da pesquisa. Esta faixa etária foi delimitada de acordo com a compreensão da Organização Mundial de Saúde sobre adolescência (World Health Organization [WHO], 2019).

Instrumentos

Para apreender o máximo possível da questão investigada, foram utilizados os instrumentos: questionário de caracterização do perfil socioeconômico e de produção e reprodução social em conjunto com entrevistas semiestruturadas, aplicadas em três momentos distintos da vida da criança.

Coleta de dados

O material analisado foi coletado e reunido de acordo com o que Flick (2009) propõe através da Triangulação de Dados. Assim, foram coletadas informações de variadas fontes, de modo a contemplar os diversos aspectos que constituem e compõem o objeto estudado (André, 1984).

As pesquisadoras possuíam aproximações com o Hospital no qual a pesquisa foi realizada e autorização para realizar o estudo. O primeiro contato com a adolescente e o convite para participação se deu no Hospital. A coleta de informações transcorreu de outubro de 2017 a março de

2019. Ao todo, foram realizados três encontros: um durante o pré-natal, outro quatro meses após o nascimento da bebê e o terceiro no primeiro ano de vida da criança, com duração aproximada de 40 minutos cada.

No primeiro encontro, durante a gestação, foram aplicados o questionário de caracterização do perfil socioeconômico e de produção e reprodução social, e a entrevista semiestruturada com o tema das relações com a família natural e com a família nova no processo gravídico. No segundo encontro, quatro meses após o nascimento da bebê, foi aplicada a entrevista semiestruturada com o tema relações com a família natural e com a família nova após o nascimento da bebê. Por fim, no terceiro encontro, que se deu no primeiro ano de vida da criança, foi realizada nova entrevista semiestruturada com o tema relações com a família natural e com a família nova no primeiro ano de vida da criança. O primeiro encontro foi realizado no Hospital, em virtude de ser o local do pré-natal, os seguintes na casa da adolescente, após o nascimento da bebê, local escolhido pela jovem por se sentir mais confortável. As entrevistas foram gravadas, transcritas na íntegra e posteriormente analisadas.

Análise dos Dados

No presente artigo, alinhado à Minayo (2002), a análise corresponde a um olhar atento para os dados da pesquisa e abrange sua interpretação, de modo a ampliar os conhecimentos sobre o tema pesquisado. Ainda conforme Minayo (2002), foram utilizadas categorias como forma de estabelecer classificações e abranger elementos com características em comum. Estas categorias foram estabelecidas a partir da coleta de dados, que estando nestas condições, segundo Minayo (2002), correspondem a categorias mais específicas e mais concretas. Tais categorias respeitaram alguns princípios de classificação referidos na obra citada anteriormente:

- 1) Foram estabelecidas a partir de um único princípio de classificação – de um mesmo critério, sendo este critério o de família natural ou nova;
- 2) As categorias estabelecidas permitiram a inclusão de qualquer resposta em uma das categorias do conjunto, assim foi respeitado o princípio de *exaustividade*;
- 3) São categorias mutuamente exclusivas, pois cada resposta só poderia ser alocada em uma das categorias elencadas.

Destarte, para melhor visualização das relações familiares que demarcaram os três momentos supracitados vivenciados pela adolescente, foram criadas três grandes categorias temporais que dizem respeito às relações vivenciadas pela jovem com a família: durante a gestação (quinto mês), após o nascimento da bebê (aos quatro meses de vida) e no primeiro ano de vida da criança. Dentro dessas categorias foram enfocadas as relações da adolescente com a família natural e com a família nova.

Resultados

Questionário Socioeconômico

De acordo com a aplicação do questionário socioeconômico no primeiro encontro, foi visto que Samanta (nome fictício) era uma adolescente de 18 anos de idade que nasceu em Maceió/AL, onde reside atualmente. Ela possuía ensino médio incompleto, tendo parado de estudar devido a gravidez, já que era difícil se locomover dentro da escola devido as escadas do colégio. Samanta chegou a repetir o primeiro ano do ensino médio por ter chegado um pouco depois do início do ano letivo, não conseguindo recuperar as notas do começo e nem se adaptar a escola. Ela nunca trabalhou e informou que a renda de sua família era de aproximadamente R\$ 2.300,00 reais.

Durante a primeira etapa da entrevista, Samanta morava, em residência própria, com a mãe, que é funcionária pública; com a irmã, de 20 anos que é estudante; e com o padrasto, que é professor de capoeira. Samanta se autodeclarou parda e em união estável com Marcelo, o pai da bebê, de 22 anos. Até o momento da primeira entrevista, eles estavam juntos há um ano e dois meses. Ela afirmou acreditar que sua menarca aconteceu aos 12 anos e que iniciou atividade sexual aos 17 anos, tendo um único parceiro sexual no último ano. Afirmou também utilizar o preservativo como método contraceptivo. Esta foi a primeira gestação de Samanta. Tratou-se de uma gestação não planejada.

Entrevista Semiestruturada

Durante a gestação (quinto mês)

Relação com a família natural

Quando questionada acerca das relações familiares com a família natural, Samanta afirmou que apesar de existirem alguns conflitos em sua família nuclear e estendida, a relação de união prevalece entre eles, sendo ela membro de uma família cujos integrantes moram próximos, é grande e unida. Quanto a reação ao descobrirem sua gravidez, sua família não aceitou muito bem no começo por esperarem que ela, antes de engravidar, vivenciaria outras etapas da vida, como terminar os estudos. Porém a adolescente afirma que, posteriormente, sua família se acostumou com a gravidez.

Com relação ao seu relacionamento com a mãe e a irmã, informou que sempre possuiu uma ótima relação com as duas e que mantêm um vínculo de cuidado, amizade e compartilhamento de experiências com ambas. Esse relacionamento só veio a ficar um pouco turbulento no início da descoberta da gravidez, pois Samanta informou que a mãe e a irmã ficaram com ciúmes dela, e que a mãe quis controlar sua gravidez como se fosse, ela própria, a mãe.

“A gente começou a se afastar um pouco por conta da gravidez no começo, porque ela sentiu... ciúme... creio eu que foi isso. Aí ela ficou pensando que a gravidez era dela, queria tomar a frente de tudo. Mas, depois de um tempo consegui fazer com que ela entendesse que ela precisava me ajudar, e foi isso que aconteceu” [sic].

Samanta considera a mãe e a irmã as pessoas mais próximas a ela dentro da família. A mãe foi a pessoa a quem ela mais recorreu durante a gestação para buscar informações sobre esse momento. Sobre o pai, a adolescente relatou que eles mantêm contato e se veem, mas que a relação já esteve fragilizada por uma traição à mãe dela no passado, e também pelo modo como ele reagiu

diante da descoberta da gravidez de Samanta. Em relação ao seu padrasto, afirmou que a relação não é boa, que sempre discordam quando tentam conversar sobre algo e que por isso ela não busca conversar com ele.

Relação com a nova família

O relacionamento com o pai do bebê completou, no quinto mês de gestação, um ano e dois meses. Sobre a relação deles antes e durante a gravidez: “Não mudou muita coisa. Ele ficou mais afetivo, dando mais atenção, mais cuidado” [sic]. Ela ressaltou, inclusive, que o companheiro sempre lhe acompanhava nas consultas do pré-natal e que o vê também como seu melhor amigo.

Com relação a reação da descoberta da gestação, Samanta contou que a família do namorado agiu de forma diferente da dela inicialmente, pois ficaram felizes, ofertaram apoio e associaram a gravidez a uma vontade divina. A jovem também informou possuir um bom relacionamento com a família do companheiro. A convivência com suas duas sogras, já que Marcelo possui uma mãe biológica e uma adotiva, é vista como boa, assim como o relacionamento com suas cunhadas.

Após o nascimento da bebê (aos quatro meses de vida)

Relação com a família natural

No segundo encontro, Samanta havia vivenciado o parto cesáreo. Durante sua internação, a jovem contou com o apoio da irmã, que levou alimentos ao hospital. Samanta informou que saiu da casa dos pais e estava morando com sua bebê de quatro meses e o marido. A jovem percebeu um maior cuidado e preocupação da família com ela e com a bebê após o nascimento da filha: “É eles se preocupam mais, dão mais atenção, sempre tão falando comigo. Pra saber como eu tô, como a Marla [bebê] tá. Eu percebo, bastante mudança” [sic]. A adolescente comenta que, durante a gestação, a mãe parecia não ter ainda “caído em si” [sic], mas que após o nascimento de sua filha as coisas mudaram, e que recebeu todo o cuidado.

Ao mesmo tempo, a jovem traz que a mudança de moradia acabou distanciando fisicamente uma parte da família e que está mais complicado manter o contato: “Da minha tia, do meu tio, né, da minha avó, da minha prima, me afastei bastante” [sic]. Samanta conta que conversa com a mãe e a irmã todos os dias, e que a relação com o padrasto e o pai é a mesma de antes. Apesar disso, o padrasto a surpreendeu por também “babar” [sic] a bebê. A adolescente afirma que o pai continua não sendo muito presente, visitando-a apenas quando ela e a filha estão na casa da mãe de Samanta.

“Não só com a minha família, mas com todo mundo é tipo assim, é primeiro a Marla e depois eu, né. Aí falam assim: oi Marla, oi Samanta. É tipo assim. Todo mundo baba pela Marla, e tipo, eu acho ótimo, né... Antigamente eles ficavam: ah, meu Deus do céu, engravidou, não sei o quê, não sei o que lá, hoje em dia é outra... outra realidade” [sic].

Relação com a nova família

Com relação ao pai da bebê, Samanta percebe uma mudança no relacionamento. Tem tido desavenças com Marcelo e entende que isto ocorre porque a relação do casal está sendo deixada de

lado para cuidar da filha, que agora é o centro das atenções. Quanto a sua relação com o companheiro, afirma: “Mudou bastante, né. A gente tem tido umas desavenças, mas vamos conseguir melhorar... A gente tem altas brigas (risos) por causa disso. Mas não mudou muito o que a gente sente” [sic].

A adolescente enxerga a criança como mais apegada ao pai e admira a relação dos dois. Ela percebe que a bebê tenta se adaptar ao horário de trabalho do pai, para passar mais tempo com ele.

“Às vezes a gente briga, né? (risos). Porque a Marla, meu Deus. A Marla tem um geniozinho que Deus nos acuda (risos). Mas é muito bom. Ela é muito carinhosa, comigo, pelo menos eu acho, né... Eu acho que ela é mais apegada ao Marcelo do que a mim... tudo bem que ela dorme comigo, faz tudo comigo, mas quando ela vê o Marcelo se desmancha. Quando ele vai trabalhar e tudo o mais ela acorda, ela faz de tudo pra ver ele. Às vezes ela fica acordada, de noite, porque é o horário que ele está em casa, fica acordada pra ficar brincando com ele” [sic].

Samanta afirma que quando o companheiro está em casa, ela sente que a bebê quer ficar o tempo todo com ele. Acredita que isso acontece porque Marcelo trabalha muito e passa o dia fora, então quando ele chega para almoçar é uma festa para a criança. Diante desta situação, Samanta afirma que deixa Marcelo com a criança para fazer os afazeres domésticos.

Sobre as relações com a família de Marcelo após o nascimento da filha, percebe uma maior preocupação e uma maior proximidade física e afetiva. A adolescente pôde contar com o auxílio de uma das sogras, que morava próximo a ela, por exemplo, para aprender a dar banho na criança, mas ainda assim o início acabou sendo bastante difícil, pois Marla ainda estava muito “molinha” [sic].

Primeiro ano de vida da criança

Relação com a família natural

Após nova mudança de casa e a consequente proximidade física de alguns de seus familiares, como a mãe, Samanta consegue ter um contato maior com a família, pois acaba encontrando-os com maior frequência. A adolescente acredita que a gestação fortaleceu laços que já eram próximos, como os que ela estabelecia com a mãe, a irmã e a avó, e que a distanciou de algumas outras pessoas, como de uma tia, pois percebeu que tem ideias que não se aproximam das expressas pela família.

Samanta vê a nova mudança de residência como positiva e atribui isto ao fato de a família estar fisicamente mais próxima. Sobre o período em que passou a morar com o companheiro e a filha, longe de sua família natural, a jovem comenta: “Não era esse negócio que é hoje em dia, que é bom. Antigamente era aquele negócio meio distante... não tinha aquele negócio delas [familiares] irem muito. Era mais eu me locomovendo, entendeu?” [sic].

A jovem se vê ainda mais próxima da mãe e da irmã, e percebe a ajuda das duas em todos os sentidos: “Elas me ajudam muito... em relação ao financeiro, em relação a amor, carinho, me ajudam em tudo” [sic]. Samanta também busca informações com a mãe quando tem dúvidas em relação a saúde da bebê, como sobre cólicas, por exemplo. Contudo, quanto ao cuidado e a criação da filha,

diz não seguir os conselhos de ninguém, pois são ela e o companheiro que convivem com a criança e compreendem que varia de pessoa para pessoa, de criança para criança.

Quanto aos cuidados com Marla, Samanta informa que recebe bastante ajuda da família, como, por exemplo, nos banhos e nas trocas de roupa íntima. Ela enfatiza a participação da mãe, das sogras e da irmã, mas se refere também ao apoio dos primos e da bisavó, ressaltando que esse cuidado foi facilitado pela proximidade física das residências dos familiares. Graças ao suporte familiar a jovem tem conseguido concluir os estudos através de um curso supletivo. Ela contou com o apoio e incentivo da família, bem como com a ajuda deles para locomoção até o curso, e para cuidar e ficar com Marla enquanto ela estava nas aulas. Samanta ressaltava que o apoio recebido possibilitou a ela mais tempo para si mesma e para descansar, o que deixa as funções maternas mais leves, além de possibilitar que ela interaja com outras pessoas.

“Ah, é muito bom, porque tira um peso muito grande... quando eu tô na casa da minha sogra, quem faz as coisas é minha sogra, quando eu tô na casa da minha mãe é sempre a minha mãe. Porque... eu acho que é porque eles gostam, né?” [sic]

Quando necessário, a adolescente pode contar com o apoio das avós da filha para ficarem com a criança. Com o pai, a relação permanece distante. A adolescente comenta que crê que o avô da criança só a viu três vezes desde o nascimento, devido a distância entre as residências. Com o padrasto, Samanta também não percebe uma melhora na relação. “Hum... ele, pra mim, nem fede nem cheira ainda. Não mudou ainda a relação” [sic].

Relação com a nova família

Samanta afirma manter uma boa relação com Marcelo, seja enquanto companheiro, marido ou como pai de Marla. A distância que existiu entre o casal nos primeiros meses após o nascimento de Marla foi diminuindo e hoje eles já conseguem ter momentos próprios. As casas das avós da criança são vistas como recursos para que os dois possam ter mais tempo um para o outro.

“Hoje em dia a atenção ainda é voltada para ela [Marla], mas não tanto quanto antes. Porque tinha que ter todo aquele cuidado. Hoje em dia ela já fica andando sozinha, e ele pode me dar carinho, atenção, entendeu? Deixa na casa da vó, aí tem um tempo para a gente” [sic].

Samanta conta que o companheiro, quando está em casa, sempre reveza com ela as atividades domésticas, bem como de alimentação e cuidado da filha. A adolescente comenta que o companheiro costumava alimentar Marla, mas que devido ao trabalho ele tem passado pouco tempo em casa. A jovem diz sentir dificuldades em alimentar a filha em razão da teimosia da criança. A filha prefere comer no horário da noite, depois que o pai chega do trabalho e, por isso, costumava esperar por ele, mas hoje em dia a criança já se alimenta um pouco com a mãe: “Ela come um pouco aí diz que está satisfeita. Não quer mais. Aí vai e espera o pai chegar para comer” [sic].

Samanta afirma admirar a relação existente entre Marcelo e Marla. Ela considera que pai e filha são muito próximos e percebe que essa ligação de afeto entre eles está presente desde a gestação, quando a bebê se mexia ao ouvir a voz de Marcelo. Para a adolescente, a relação entre a filha e o companheiro foi se intensificando com o passar do tempo.

Quando Marcelo está em casa, os três tentam passar o máximo de tempo possível unidos, acordam na mesma hora, tomam café da manhã, assistem TV ou tomam banho juntos... Marla havia se acostumado a dormir no berço na antiga casa, pouco tempo antes da mudança, mas voltou a dormir com o casal por ainda não ter o berço montado na nova casa. Samanta considera que era melhor quando a filha dormia longe do casal, pois havia mais espaço na cama e também devido a intimidade com o companheiro. O casal possui planos de montar o berço da filha em um outro quarto, mas caso não dê certo, o berço será montado no mesmo quarto dos dois.

Quanto ao apoio vindo da família do companheiro, Samanta comenta que eles sempre foram acolhedores com ela e com a bebê, e que as duas mães de Marcelo gostam muito dela. “Todas as duas. Eu não tenho o que reclamar. Que elas sempre me ajudaram, em tudo. E ajudam até hoje o Marcelo, né? Em qualquer coisa que ele precisar” [sic]. A jovem menciona que recebeu ajuda das sogras inclusive durante as mudanças de casa.

Discussão

Relações com a Família Natural

Apesar das inseguranças da adolescente decorrentes da gestação não planejada, a família natural de Samanta se manteve presente durante a gestação e após o nascimento da bebê, dando-lhe apoio semelhante à antes da experiência da maternidade. Esse apoio, contudo, contou com variações, sendo mais frequente após o nascimento de Marla do que ao longo da gestação. A adolescente também constatou que sua família natural esteve mais próxima afetivamente quando ela passou a morar fisicamente mais perto dos membros da família, no terceiro momento da entrevista. Samanta afirma que havia, da parte de sua família natural, a expectativa de que ela terminasse os estudos antes de ter um filho, o que fez com que a gravidez não fosse inicialmente bem recebida por seus familiares.

De acordo com Santos et al. (2017), a reação negativa dos familiares da adolescente que está grávida pode ser motivada pelo entendimento de que a vida da jovem será afetada negativamente pela gravidez. Pais e mães imaginam que os projetos de vida idealizados para as filhas, como a continuidade dos estudos e a inserção no mercado de trabalho, serão interrompidos, bem como que a gestação gerará a necessidade de dependência financeira (Maranhão & Gomes, 2016). Surge, também após a descoberta da gravidez, uma preocupação com o futuro das adolescentes e com a qualidade do cuidado que será oferecido à criança (Deus & Dias, 2020). Nesse sentido, cabe destacar que os pais e as mães das adolescentes também costumam se deparar com a necessidade de modificar seus próprios projetos de vida quando se tornam avós.

Nesse sentido, apesar da dificuldade inicial de sua família natural em aceitar a gestação, essa situação mudou logo depois: a não aceitação foi substituída pelo apoio e pela preocupação. A mãe da adolescente passou a querer controlar a gestação da filha, mas acabou por entender que era Samanta a mãe do bebê e que não poderia exercer por ela este papel. Essa dificuldade da família em ver a jovem adolescente assumindo outros papéis sociais pode estar relacionado ao fato de que os pais costumam ser relutantes em aceitar o crescimento dos filhos. Muitos pais e mães chegam a se

sentir frustrados pela perda de controle da prole, bem como rejeitados diante da nova expressão de personalidade do adolescente. Muitas mães podem também não acreditar na capacidade da filha adolescente em ser mãe e, diante disso, querer assumir o papel da jovem, como a mãe de Samanta fez inicialmente (Santos et al., 2015).

No entanto, é importante lembrar também que as mães de adolescentes grávidas usualmente se constituem enquanto importantes fontes de apoio durante a gestação das filhas, podendo, como na pesquisa de Frizzo et al. (2019), serem consideradas pelas jovens como figuras centrais de apoio. Na presente pesquisa, Samanta também relatou que apesar das dificuldades iniciais, a mãe foi a pessoa a quem ela mais recorreu durante a gestação para tirar dúvidas e buscar informações acerca da gravidez. Após o nascimento de Marla, a mãe da jovem continuou sendo uma figura de referência, ajudando-a a esclarecer dúvidas sobre cólicas e outros sintomas da filha.

Embora inicialmente costumem perdurar sentimentos de indignação e desapontamento, pode-se constatar uma melhora no relacionamento familiar durante a gestação e/ou após o nascimento do bebê em alguns casos de gravidez durante a adolescência. Conforme Santos et al. (2017) geralmente a notícia da gravidez da adolescente é recebida com surpresa e permeada por sentimentos de raiva, decepção e tristeza pelos familiares. Porém, com o passar do tempo, estes afetos costumam ser superados e os familiares passam a aceitar a gestação e apoiar as adolescentes.

Nesse sentido, com o nascimento do novo membro, podem ocorrer mudanças consideráveis nas relações familiares, como maior aceitação e expressões de proteção e carinho, bem como apoio financeiro e afetivo (Santos et al., 2017). As adolescentes, após o nascimento da criança, podem sentir uma melhora no relacionamento com os pais, devido a uma maior proximidade, atenção e disponibilidade destes em apoiá-las (Maranhão & Gomes, 2016). Tal fato pôde ser percebido também na família natural de Samanta, que inicialmente se assustou com a notícia da gestação, mas que após o nascimento, demonstrou maior cuidado e atenção tanto com a adolescente quanto com a bebê.

A adolescente evidenciou que a mudança de casa para viver com o companheiro e a filha, após o nascimento, dificultou a proximidade e o possível apoio de sua família natural, pois as residências ficaram geograficamente distantes. Em sua nova moradia, mais distante dos familiares, a adolescente, que antes caracterizava a rede familiar como *unida, grande e próxima*, passou a senti-la como distante. Diante disso, não tardou em procurar moradia em uma localização mais perto de seus familiares. No terceiro encontro, a adolescente estava morando mais próxima dos membros de sua família natural e pôde contar com o apoio mais presente de diversos familiares, como da mãe, da irmã, da avó e dos primos, em aspectos como: dúvidas em relação aos cuidados relativos à bebê; cuidados afetivos para com ela e a filha, como amor e carinho; além do suporte financeiro e colaboração nos afazeres domésticos.

O apoio da família nessa nova fase da vida aparece como uma das principais fontes de suporte à adolescente. Segundo Miura et al., (2020), é preciso que a família esteja presente na maternidade e paternidade durante a adolescência, oferecendo diferentes tipos de apoio: físico, emocional, afetivo e/ou financeiro, para que promova acolhimento à nova família.

Samanta evidencia não possuir uma relação próxima com algumas pessoas da família, como o pai, o padrasto e uma tia. Com o pai, a relação veio a ficar prejudicada após a separação dele e da mãe da jovem, o que pode estar relacionado ao fato de que após separações conjugais, podem ocorrer dificuldades de diferenciação entre papéis conjugais e parentais. Parece haver ainda a crença de que o término da conjugalidade leva também ao término das responsabilidades e dos laços parentais, principalmente para aqueles que não moram na mesma casa que os filhos. Nesse sentido, não são incomuns casos em que após a dissolução do relacionamento amoroso, o pai se afasta também da prole (Vieira et al., 2019).

Relações com a Nova Família

Samanta pôde contar também com o suporte do companheiro e da família dele durante a gestação, após o nascimento e ao longo dos meses iniciais de desenvolvimento da bebê. De forma diferente da sua família, a família do namorado reagiu, desde o início, de forma positiva em relação a sua gravidez.

A família do pai do bebê ter aceito, com mais facilidade, a maternidade de Samanta pode se dever ao fato de que, em nossa cultura, há uma maior aceitação da sexualidade masculina, quando se trata de masculinidades hegemônicas, sendo esta masculinidade frequentemente associada à virilidade (Vasconcelos et al., 2016). Essas diferenças de tratamento podem ser distintas, a depender da família que está em análise, se é do menino ou da menina.

Em um estudo realizado por Vasconcelos et al. (2016), foi percebido que a demonstração da virilidade, com destaque para a relação sexual, é algo socialmente aceito pelos adolescentes, sendo um modo de se afirmarem como homens, enquanto para as mulheres a inexperiência da prática sexual é algo culturalmente valorizado. Esse contexto pode ter contribuído para a maior aceitação da família do pai do bebê diante da paternidade do jovem.

Outra possibilidade é que a maior aceitação da paternidade do jovem pelos familiares ocorra devido ao fato de que, em nossa cultura, um bebê tem menor interferência nos projetos de vida do homem-pai do que da mulher-mãe. A pesquisa de Santos et al. (2015) corrobora com esse dado, ao constatarem que as mulheres-mães têm suas vidas mais afetadas com o nascimento de um bebê, abdicando e renunciando de mais coisas que o homem-pai. O homem-pai usualmente se volta ao profissional, para manter a família, o que geralmente já consistia em seus planos para o futuro, mas as mães correm o risco de não completarem seus planos de concluir os estudos ou ingressarem na carreira profissional. Nossa sociedade ainda está mais voltada à norma de que o homem fica responsável pela situação financeira e a mulher fica responsável por cuidar da casa e dos filhos.

A família do companheiro da adolescente, assim como sua família, passou a cuidar mais da adolescente e da bebê após o nascimento de Marla. Talvez isso tenha ocorrido porque, para alguns pais, a representação do início do lugar do pai e o sentimento de paternidade passa a ser sentido apenas com o nascimento do filho, após o contato com o bebê real. Nesse sentido, a pesquisa de Matos et al. (2017), aponta que as famílias estendidas também podem perceber uma maior concretude do bebê também neste momento.

Quanto a relação com o companheiro, desde antes da gestação, Samanta percebe uma relação de apoio, cuidado, proximidade e atenção. A adolescente ressalta, contudo, que durante a gestação o cuidado do companheiro para com ela aumentou, se comparado ao momento anterior de relacionamento. Ele esteve presente, inclusive, nas consultas do pré-natal.

Com o nascimento da filha, Samanta passou a vivenciar novas situações em seu convívio social, como ao constatar que, ao encontrar pessoas, a atenção delas se voltava primeiramente para a sua filha e, só depois, para ela. A adolescente percebe que o comportamento das pessoas se assemelha ao dela, pois a despeito de si, sua própria atenção logo se volta para a neném. Isso trouxe modificações nas relações estabelecidas com o companheiro e com as pessoas ao redor. Essa nova situação acabou por provocar consequências, principalmente em sua relação com Marcelo. Naquele momento, aos quatro meses de vida da bebê, a relação entre os dois era atravessada por brigas e a adolescente percebia que a bebê era o centro das atenções.

A passagem para a maternidade ou parentalidade causa grande modificação no relacionamento do casal, uma vez que a atenção que antes era dividida entre duas pessoas, precisa agora ser compartilhada com um novo membro totalmente dependente. O relacionamento dos cônjuges costuma ficar em segundo plano, contudo, é esperado que com o tempo o casal vá retornando gradativamente às suas atividades matrimoniais (Duarte & Zordan, 2016). No caso de Samanta, houve a tentativa de reaproximação do companheiro através da estratégia de deixar a criança com as avós em alguns momentos, para que os dois pudessem ter mais tempo um para o outro, de modo a manter a relação e o sentimento que os une preservados, assim como o desejo de retomar uma maior atenção e cuidado para si. O fato da bebê estar maior também contribuiu para que a atenção, antes despendida majoritariamente com ela, pudesse ser direcionada a outras coisas e pessoas.

Samanta e Marcelo conseguem conciliar, com a ajuda dos membros da família, os afazeres domésticos, os cuidados com a filha e as demais atividades cotidianas. Desde a gestação, Samanta percebe a forte ligação construída e estabelecida entre pai e filha e admira essa relação. Contudo, paralelamente à admiração, a mãe adolescente relata sentir dificuldade em desenvolver algumas atividades com Marla, como alimentá-la, diante da aparente facilidade da filha em comer com o pai e obedecê-lo. Os dados do presente estudo destoam da visão tradicional de que a mulher deve ser a única responsável pelos cuidados com a casa e com a prole e estão alinhados à pesquisa feita por Deus et al., (2020), na qual o pai adolescente também desenvolve atitudes participativas nos cuidados domésticos e familiares, o que evidencia a responsabilidade parental dividida entre o casal, como o afeto e responsabilidade com o bebê.

O apoio recebido pela família do companheiro, sobretudo das sogras, também foi identificado por Trombetta et al., (2020) em pesquisa realizada com mães adolescentes, como fator importante para a superação dos medos e desafios nessa nova fase da vida. Nesta perspectiva, as mães das jovens e os próprios parceiros também puderam ser identificados como fontes de ajuda afetiva, informativa e material (Deus & Dias, 2020; Trombetta et al., 2020). Tais circunstâncias também se apresentam na vida de Samanta, que encontra apoio afetivo e material no companheiro e na nova família.

Samanta parece contribuir para que seu companheiro tenha uma boa relação com Marla, uma vez que permitiu e facilitou a aproximação entre pai e filha desde o período do pré-natal. A passagem

à paternidade não é algo dado a priori, mas uma construção diária que se forma através das relações do homem com sua família e consigo mesmo. Para que o homem possa lidar com os sentimentos que permeiam essa transição à paternidade com mais facilidade, é necessário também que ele possa contar com uma rede de apoio consistente (Matos et al., 2017). Essa rede de apoio pode vir da mulher-mãe de seu bebê. Nesse sentido, a companheira pode contribuir, desde a gestação, com a aproximação e o desenvolvimento da relação entre o pai e o bebê (Miura et al., 2020) e os cuidados do homem-pai com seu bebê, por sua vez, podem ser facilitadores da proximidade familiar, diminuindo o sentimento de exclusão paterna nesse período inicial da experiência parental (Matos et al., 2017).

Consider

ações Finais

Este estudo objetivou analisar as experiências de maternidade de uma adolescente, bem como as relações dela com a família natural e com a família nova. É possível perceber, através do caso Samanta, a complexidade envolvida no tema da maternidade na adolescência. A maternidade durante essa fase do desenvolvimento é uma questão que deve mobilizar diversos atores, como os profissionais de saúde, a escola, a política, a comunidade, a própria adolescente e a família como um todo, tendo sido essa última instância o foco da pesquisa aqui apresentada. É visto que o apoio ofertado pela família da adolescente, tanto a natural quanto a nova, possui fundamental importância na melhora da relação da adolescente consigo mesma, com o seu entorno e com o seu bebê.

Com a família natural, apesar da reação inicial negativa, Samanta pôde contar principalmente com a mãe e a irmã enquanto fontes de confiança e suporte emocional, nos três momentos em que esta pesquisa foi realizada (durante a gestação, no quarto mês e no primeiro ano de vida da filha). Com a nova família, foi perceptível a importância do companheiro e das sogras como fontes de apoio, apesar do relacionamento do casal ter precisado lidar com as dificuldades e modificações inerentes a chegada de um novo membro e a necessidade de uma reconfiguração da estrutura familiar. Tal dificuldade foi superada com o apoio da família nos cuidados com a filha. Esse suporte familiar também viabilizou que Samanta pudesse voltar a se dedicar a suas atividades escolares.

Samanta encontrou na família o aparato necessário para conduzir sua gestação e a experiência da maternidade de maneira mais leve e satisfatória, bem como para prosseguir com seus planos para além do que está relacionado a *ser mãe*. Desta forma, é imprescindível um olhar sobre a situação de mães adolescentes que não esteja permeado de rótulos e que permita abarcar também a importância de outros atores na maternidade, como a família natural e nova, foco do presente artigo. Como limitação desse estudo e indicação para pesquisas futuras, ressalta-se a possibilidade de se pesquisar sobre o entorno da adolescente-mãe, para além do ambiente familiar citado no artigo, abrangendo outros aspectos do social que também devem se fazer presentes na maternidade vivenciada durante a adolescência.

Referências

- André, M. E. D. A. (1984). Estudo de caso: Seu potencial na educação. *Cadernos de Pesquisa*, 49, 51-54. <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1427/1425>
- Brasil. (1990). Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990. *Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências*. Retirado em 06/05/2022, do https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm
- Brasil. (2023a). *Por hora, nascem 44 bebês de mães adolescentes no Brasil, segundo dados do SUS*. Retirado em 23/08/2023, do <https://www.gov.br/ebserh/pt-br/comunicacao/noticias/por-hora-nascem-44-bebes-de-maes-adolescentes-no-brasil-segundo-dados-do-sus>
- Brasil. (2023b). *Sistema de informações sobre nascidos vivos: Nascim p/resid. mãe por Unidade da Federação segundo Idade da mãe*. Retirado em 27/08/2023, do <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sinasc/cnv/nvuf.def>
- Deus, M. D., & Dias, A. C. G. (2020). Percepções Maternas Sobre o Tornar-se Avó no Contexto da Gravidez na Adolescência. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 20(1), 231-250. <https://dx.doi.org/10.12957/epp.2020.50828>
- Deus, M. D., Costa, E. F. L., Souto, D. C., Jager, M. E., & Dias, A. C. G. (2020). A experiência do pai adolescente no primeiro ano de vida da criança. *Pensando famílias*, 24(1), 175-189. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000100013&lng=pt&tlng=pt
- Duarte, E. L., & Zordan, E. P. (2016). Nascimento do primeiro filho: Transição para a parentalidade e satisfação conjugal. *Perspectiva*, 40(152), 65-76. http://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/152_595.pdf
- Esteves, I., Bica, I., Cunha, M., Aparício, G., Ferreira, M., & Martins, M. H. (2018). A importância da resiliência e de um suporte social efetivo na vivência da gravidez e maternidade precoces. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*, (spe6), 9-16. <http://dx.doi.org/10.19131/rpesm.0207>
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. Bookman.
- Frizzo, G. B., Martins, L. W. F., Silva, E. X. L., Piccinini, C. A., & Diehl, A. M. P. (2019). Maternidade adolescente: A matriz de apoio e o contexto de depressão pós-parto. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35, 1-13. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e3533>
- Fundo de População das Nações Unidas. (2016). *Fecundidade e maternidade adolescente no Cone Sul: Anotações para a construção de uma agenda comum*. Retirado em 30/07/2020, do https://brazil.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/fecundidade_maternidade_adolescente_conesul_0.pdf
- Gonçalves, M. A. B., & Guzzo, R. S. L. (2017). A defensoria pública e cuidados em uma relação de cuidado: Um estudo de caso. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(1), 236-247. <https://doi.org/10.1590/1982-37030001772016>
- Macedo, M. M. K., Azevedo, B. H., & Castan, J. U. (2012). Adolescência e psicanálise. In M. M. K. Macedo (Ed.), *Adolescência e psicanálise: Intersecções possíveis* (2ª ed., pp. 15-53). Edipucrs.
- Maranhão, T. A., & Gomes, K. R. O. (2016). Modificações nos relacionamentos familiares e sociais de adolescentes e jovens após a gestação. *Adolescência & Saúde*, 13(3), 31-40. http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=604#

- Matos, M. G., Magalhães, A. S., Féres-Carneiro, T., & Machado, R. N. (2017). Construindo o vínculo pai-bebê: A experiência dos pais. *Psico-USF*, 22(2), 261-271. <https://doi.org/10.1590/1413-82712017220206>
- Minayo, M. C. S. (Org.). (2002). *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade*. Vozes.
- Miura, P. O., Santos, K. A. M., & Lima, E. F. O. (2020). Paternidade na adolescência e as relações familiares. *Pensando famílias*, 24(1), 190-206. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000100014&lng=pt&lng=pt.
- Peres, R. S., & Santos, M. A. (2005). Considerações gerais e orientações práticas acerca do emprego de estudos de caso na pesquisa científica em psicologia. *Interações*, 10(20), 109-126. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/inter/v10n20/v10n20a08.pdf>
- Santos, A. L., Teston, E. F., Cecílio H. P. M. C., Serafim, D., & Marcon, S. S. (2015). Participação de avós no cuidado aos filhos de mães adolescentes. *Revista Mineira de Enfermagem*, 19(1), 55-59. <http://www.revenf.bvs.br/pdf/reme/v19n1/v19n1a05.pdf>
- Santos, C. M. M. M., Carvalho, A. O., Silva, R. S. S., Carvalho, N. A. R., & Brito, B. A. M. (2017). Gravidez na adolescência sob a percepção dos familiares. *Revista Uningá*, 53(1), 85-89. https://www.mastereditora.com.br/periodico/20170707_204849.pdf
- Trombetta, J., Bampi, G. B., & Weihermann, A. M. C. (2020). Gravidez na adolescência: A experiência de jovens mães. *Saúde & Meio Ambiente*, 9, 311-321. <https://www.periodicos.unc.br/index.php/sma/article/view/2715/1510>
- Vasconcelos, A. C. S., Monteiro, R. J. S., Facundes, V. L. D., Trajano, M. F. C., & Gontijo, D. T. (2016). Eu virei homem!: A construção das masculinidades para adolescentes participantes de um projeto de promoção de saúde sexual e reprodutiva. *Saúde e Sociedade*, 25(1), 186-197. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902016145555>
- Vieira, L., Neumann, A. P., & Zordan, E. P. (2019). O divórcio e o recasamento dos pais na percepção dos filhos adolescentes. *Pensando famílias*, 23(1), 121-136. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2019000100010&lng=pt&nrm=iso
- Winnicott, D. W. (2018). *A família e o desenvolvimento individual* (4a ed.). Martins Fontes. (Original publicado em 1965).
- World Health Organization. (2019). *Adolescent health*. Retrieved in 19/07/2020, from <https://www.who.int/health-topics/adolescent-health/>
- Yin, R. K. (2015). *Estudo de caso: Planejamento e métodos* (5a ed.). Porto Alegre, RS: Bookman.

Endereço para correspondência

ana.caroline@ip.ufal.br
jose.filho@ip.ufal.br
paula.miura@ip.ufal.br